



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE

A salvação é um presente

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 13 de 27 de Março de 2014

A salvação «não se compra nem se vende» porque «é um presente totalmente gratuito». Mas para a receber Deus pede que tenhamos «um coração humilde, dócil, obediente». Foi quanto disse o Papa Francisco, na missa celebrada na manhã de terça-feira, **25 de Março**, na capela da Casa de Santa Marta, convidando «a fazer festa e a dar graças a Deus» porque «hoje comemoramos uma etapa definitiva no caminho» rumo à salvação «que o homem percorreu desde o dia em que saiu do paraíso».

Precisamente «por esta razão hoje rejubilamos: a festa deste caminho de uma mãe para outra, de um pai para outro», explicou o Pontífice. E convidou a contemplar «o ícone de Eva e Adão, o ícone de Maria e Jesus», e a olhar para o decorrer da história com Deus que caminha sempre com o seu povo. Assim, prosseguiu, «hoje podemos abraçar o Pai que, graças ao sangue do seu Filho, se fez como um de nós, e nos salva: este Pai que nos espera todos os dias». Daqui o convite a dizer «obrigado: obrigado, Senhor, porque hoje Tu nos dizes que nos ofereceste a salvação».

Em síntese, o Senhor quer «abrandar o nosso coração», para que possa receber «aquela promessa que Ele fez no paraíso: por um homem entrou o pecado, por outro Homem veio a salvação». E precisamente este «caminho tão longo» ajudou «todos nós a ter um coração mais humano, mais próximo de Deus; não muito soberbo nem muito pretensioso».

O que significa então «o caminho da humildade, da humilhação»? Significa simplesmente, conclui o Papa Francisco, «dizer: eu sou homem, eu sou mulher e Tu és Deus! E ir em frente, na

presença de Deus, como homem, como mulher na obediência e na docilidade do coração».

É no caminho da marginalização que Deus nos encontra e nos salva. Recordou o Papa Francisco na missa celebrada na manhã de segunda-feira, **24 de Março**, na capela da Casa de Santa Marta, focalizando a sua homilia sobre uma chamada forte à humildade.

Para explicar o que significa estar «nas margens» a fim de ser salvo, o Pontífice referiu-se à liturgia do dia, que apresenta dois trechos particularmente eloquentes, tirados do segundo Livro dos Reis (5, 1-15a) e do Evangelho de Lucas (4, 24-30). Na citação evangélica, observou o Santo Padre, Jesus afirma que não pode fazer milagres na sua Nazaré «devido à falta de fé»: precisamente ali, onde crescera, «não tinham fé». Jesus, acrescentou, diz exactamente: «Nenhum profeta é bem aceite na sua pátria». E recordou também a história de Naaman, o sírio, com o profeta Eliseu, narrada na primeira leitura, e a da viúva de Sidónia com o profeta Elias.

«Os leprosos e as viúvas naquele tempo eram marginalizados», frisou o Papa. Em particular, «as viúvas viviam graças à caridade pública, não viviam o dia-a-dia da sociedade», enquanto os leprosos deviam viver fora, distantes do povo.

Assim na sinagoga de Nazaré, narra o Evangelho, «Jesus diz que aqui não haverá milagre: aqui vós não aceitais o profeta, porque não tendes necessidade, sois demasiado seguros». Com efeito, as pessoas que Jesus tinha em frente «eram tão seguras na sua “fé”, tão seguras na sua observância dos mandamentos, a ponto de não precisar de outra salvação». Uma atitude que revela, explicou o Pontífice, «o drama da observância dos mandamentos sem fé: eu salvo-me sozinho, porque vou à sinagoga todos os sábados, procuro obedecer aos mandamentos»; e «que não me venha dizer que aquele leproso ou aquela viúva, aqueles marginalizados, são melhores do que eu!».

Mas a palavra de Jesus vai em sentido contrário. Ele diz: «Olha que se tu não te sentires às margens, não terás salvação! Esta é a humildade, o caminho da humildade: sentir-se muito marginalizado» a ponto de ter «necessidade da salvação do Senhor. E só Ele salva; não a nossa observância dos preceitos».

Contudo, este ensinamento de Jesus, lê-se ainda no trecho de Lucas, não agradou ao povo de Nazaré, a ponto que o queriam assassinar». É «a mesma ira» que sente também Naaman, o sírio, segundo quanto refere o Antigo Testamento. Para ser curado da lepra, explicou o bispo de Roma, Naaman «vai ter com o rei com muitos dons, com numerosas riquezas: sente-se seguro, é o chefe do exército». Mas o profeta Eliseu convida-o a marginalizar-se e a imergir-se «sete vezes» no rio Jordão. Um convite que, reconheceu o Papa, provavelmente lhe pareceu «um pouco ridículo». Naaman «sentiu-se humilhado, desprezado e foi-se embora», precisamente como «os da sinagoga de Nazaré».

Portanto, foi-lhe pedido «um gesto de humildade, que obedecesse como uma criança». Mas ele reagiu, precisamente, com desdém. Porém foram os seus colaboradores, com o bom senso, que «o ajudaram a marginalizar-se, a cumprir um acto de humildade». E do rio ele saiu curado da lepra.

Exactamente esta, sublinhou o Papa, é «a mensagem de hoje, nesta terceira semana de Quaresma: se quisermos ser salvos, devemos escolher a estrada da humildade, da humilhação». Pode servir como testemunho Maria, que «no seu cântico não diz que está contente porque Deus viu a sua virgindade, a sua bondade e a sua doçura, tantas virtudes que ela tinha», mas exulta «porque o Senhor viu a humildade da sua serva, a sua pequenez». É precisamente «a humildade que o Senhor vê».

Assim também nós, afirmou o Pontífice, «devemos aprender esta sabedoria de marginalizar-nos, para que o Senhor nos encontre». Com efeito, Deus «não nos encontrará no centro das nossas certezas. Não, o Senhor não vai ali. Ele encontrar-nos-á na marginalização, nos nossos pecados, nos nossos erros, nas nossas necessidades de sermos curados espiritualmente, de sermos salvos. Ali o Senhor nos encontrará».

E este — reiterou mais uma vez — «é o caminho da humildade». A humildade cristã não é uma virtude» que nos faz dizer «eu não sirvo para nada» e nos faz «esconder a soberba»; pelo contrário, «a humildade cristã é dizer a verdade: sou pecador, sou pecadora!». Em síntese, trata-se simplesmente de «dizer a verdade; e esta é a nossa verdade». Mas, concluiu o Papa, «há também outra verdade: Deus salva-nos! Mas sobretudo quando estamos marginalizados; não nos salva na nossa segurança».

Humildade e oração, na Igreja, são o antídoto contra as alterações da palavra de Deus e a tentação de se apoderar dela, interpretando-a a seu bel-prazer e engaiolando o Espírito Santo. É a síntese da meditação proposta pelo Pontífice na missa celebrada sexta-feira de manhã, **21 de Março**.

Precisamente «durante estes dias de quaresma o Senhor torna-se próximo de nós e a Igreja conduz-nos rumo ao tríduo pascal. Rumo à morte e ressurreição de Jesus», disse o Papa referindo-se às duas leituras da liturgia, a primeira tirada do Génesis (37, 3-4.12-13.17-28), e a segunda do Evangelho de Mateus (21,33-43.45). Estamos diante, explicou, do «drama não do povo — porque o povo compreendia que Jesus era um grande profeta — mas de alguns chefes do povo, de alguns sacerdotes daquele tempo, dos doutores da lei, dos idosos que não estavam com o coração aberto à palavra de Deus». Com efeito, «sentiam Jesus mas em vez de ver nele a promessa de Deus, em vez de o reconhecer como um grande profeta, tinham medo».

Evoca a essencialidade da fé a meditação quaresmal proposta pelo Papa Francisco na missa celebrada na manhã de **20 de Março**. Há uma palavra «mais do que mágica», capaz de abrir «a

porta da esperança que nem sequer vemos» e restituir o nome a quem o perdeu por ter confiado apenas em si mesmo e nas forças humanas. Esta palavra é «Pai» e deve ser pronunciada com a certeza de ouvir a voz de Deus que nos responde chamando-nos «filhos». O Pontífice pediu «ao Senhor a graça da humildade, de olhar para Jesus como o Salvador que nos fala: fala a mim! Cada um de nós deve dizer: fala a mim!». E «quando lemos o Evangelho: fala a mim!». Eis então o motivo do convite a «abrir o coração ao Espírito Santo que dá força a esta palavra» e a «rezar, rezar tanto para que tenhamos a docilidade de receber esta palavra e obedecer-lhe».